



ANTONIA REGINA BORTOTTO

Os
passos
do
marceneiro

Os passos do marceneiro

Tonha

Os passos do marceneiro

1ª Edição

Jaú
Antonia Regina Bortotto
2014

Autor

Antonia Regina Bortotto

Título Original

Os passos do marceneiro

Diagramação e Impressão

Publicolor Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Direitos da obra reservados ao Autor.

Bortotto, Antonia Regina

Os passos do marceneiro / Antonia Regina Bortotto. -Jahu: Publicolor,
2014

Impresso no Brasil (junho-2014)

ISBN 978-85-917422-0-2

1. Teoria do conhecimento, causalidade e ser humano

CDD-917.422

PREFÁCIO

Não tenho a pretensão de ser best-seller nem celebridade. A ilusão de que alguém, após a leitura deste livro e a prática de seus ensinamentos, possa galgar algo que julga ser difícil, faz-me sentir forte e lançar-me às críticas que virão; o que importa é acreditar que através da indução podemos vencer nossas dificuldades e que perceber o mundo a nível energético fica fácil entender os processos pelos quais passamos e saber que mudar de fase é possível.

Dividi com uma amiga e um amigo a propositura da elucidação dos textos e deles recebi críticas nada entusiásticas. Como tudo em minha vida é pedregoso, esta trilha não poderia ser diferente, daí a teimosia em não mudar e apostar na minha vontade de passar, dessa forma, o que julgo ter extrema importância às pessoas. Entendi, meus queridos, que ficou destoante o relato de minha vida ante a proposta de passar o conhecimento sobre o processo indutivo, mas entoo-o no meu desejo exclusivo que é de fazer enxergar, em cada movimento de nossas vidas, os passos do marceneiro e desprovida da preocupação com a aparência deste, tomei o cuidado de não citar nomes, com exceção dos meus pais e irmãos, de pessoas que de certa forma fizeram parte da minha história, evitando causar-lhes algum incômodo.

Meus filhos cresceram ouvindo os ensinamentos e assistindo sobre as leis da física e da “ação e reação”, então, creio não ter passado batido, mas o arbítrio é livre e o aprendizado é particular. A eles, bem como às suas alianças, genro e nora, também aos meus netos, dedico este trabalho.

Bom dia

Hoje, 09/10/2013 (07:51h)

Sob a óptica de que o acaso não existe e no intuito de contribuir para a compreensão do processo indutivo, julgo providencial relatar alguns fatos marcantes da minha vida, na esperança de que pelo menos meus filhos, netos ou, quem sabe, o mundo o lerá.

Meu pai, Pedro Anníbal, nasceu em Brotas – SP, no ano de 1.912 e faleceu aqui em Jaú-SP, com 84 anos; era filho de imigrantes italianos.

Minha mãe, Odila das Dores, nasceu em Jaú – SP, no ano de 1.913 e faleceu, nesta mesma cidade, com 81 anos; era filha de brasileiros.

Meu pai, quando moço, morou e trabalhou em várias fazendas na região de Jaú – SP e foi na fazenda Carlota que conheceu minha mãe com quem se casou, ambos com 20 anos de idade, no ano de 1.933, contrariando o desejo dos pais que faziam gosto que ele se casasse com uma moça que também fosse filha de italianos. O fato de minha mãe não ter levado o sobrenome de meu pai contribuiu para aumentar a mágoa relativa à discriminação que sofria, segundo ela, por parte dos italianos. Várias amigas minhas já me disseram que suas mães também não levaram o sobrenome do marido, e, pelo visto, era comum essa prática, mas minha mãe aceitou como uma desfeita. Contava que no dia do casamento, meu avô paterno deu a eles de presente um par de enxadas acompanhado dos votos de bom princípio de vida. A brasileira agarrou uma delas e saiu como quem queria carpir o mundo, a outra ficou para meu pai que não a mantinha tão afiada. E assim, numa vida miserável de colonos, seguiram por um bom período trabalhando na colheita do café.



Foto dos meus irmãos Titi e Lita carregando feixe de vassoura

Meu pai, juntamente com um de seus irmãos, meu tio, montaram uma fábrica de vassouras, na Rua Gomes Botão n.810. Nessa época, eles moravam todos juntos na casa de número 760. Passado um tempo, meus pais amealharam e compraram a casa de n. 699, na mesma rua.



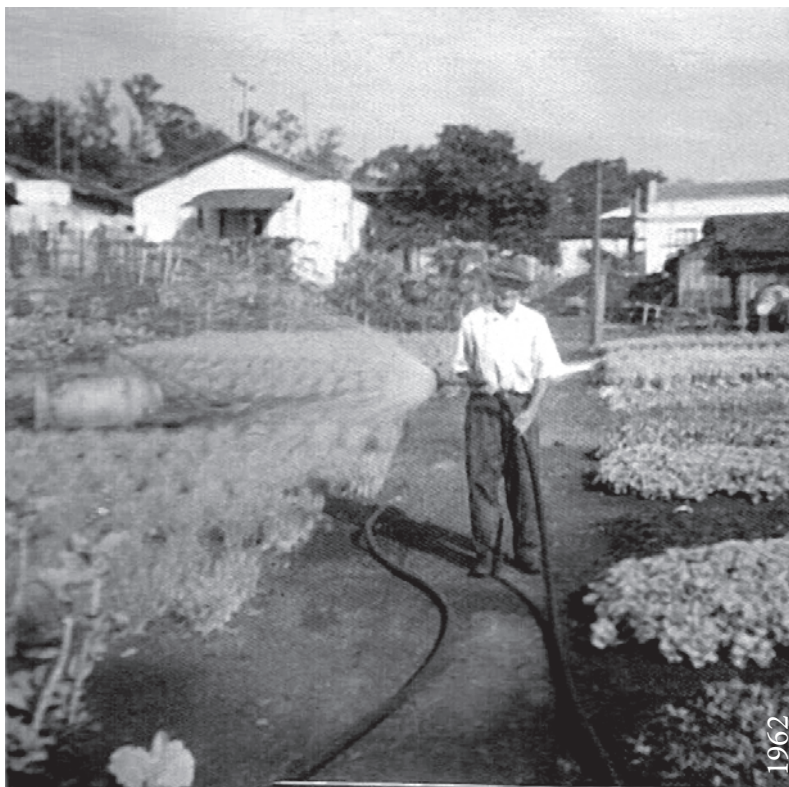
Foto da casa em madeira, N° 699



Mário, Pai, Titi e Eu. Foto da casa em tijolos, N° 699

Era uma casa de esquina e de cômodos grandes, feita em madeira, mas, aos poucos, foi reformada, passando a ter paredes de tijolos; na frente e com acesso pra rua, havia um amplo terraço em arco com uma porta alta de duas folhas. Aproveitando o espaço que havia entre a cerca e a casa, minha mãe fez um roseiral. A passagem de acesso à horta era pela lateral da casa e no quintal meu pai construiu um barracão. A casa tinha um terreno que pegava um quarteirão; estava no puro mato. Eles se mudaram com a cara e a coragem e as benditas enxadas. Transformaram o terreno em uma linda e produtiva horta e passaram a trabalhar no cultivo e venda de verduras.

Fotos da Horta:







1954



Adquiriram uma banca no Mercado Municipal da cidade onde, bem cedinho, faziam as entregas de verduras aos revendedores. Minha mãe ia com uma cesta cheia de verduras na cabeça e outra no braço, meu pai empurrava a carroça, também carregada de verduras e, no mais tardar, às 7:00h da manhã já estavam de volta. Meu pai chegava um pouco antes. Minha mãe ficava até mais tarde para acertar e receber as contas dos fregueses; era analfabeta, mas se valia de números para identificar seus fregueses; não sei que associação fazia, mas o fato é que administrava bem suas finanças. Todos os dias comprava, na padaria conhecida como padaria da Bela, os pães para o café da manhã e sempre levava para mim e para meu irmão, Coroca, dois anos mais velho que eu, um pãozinho doce. Assim como essa, são muitas as cenas que ficaram indelévels em minha memória.

Meus pais tiveram oito filhos: Irene e Nair que não cheguei a conhecer, visto que faleceram quando ainda eram bebês; Olívio (Titi), Iracema (Cema), Mário (Mário mesmo), Valdemar (Lita) que ainda vive, Pedro Renato (Coroca) e eu, Antonia Regina (Tonha) vivíssima. Eu fui a caçula e, quando eu nasci, em 1.952, a minha mãe já estava com quarenta anos de idade.

A seguir, fotos do dia do meu batizado, com meus padrinhos; a igreja Matriz em que eu fui batizada; eu com meu amiguinho Fernando e eu com um parente na borta







Então, eu sou aquela que nasceu na casa n. 699, de um bairro próximo ao centro da cidade, que, no quintal, tinha chiqueiro de porco e galinheiro, dando a sensação de estar em uma zona rural, e nessa casa viveu até os seus 12 anos de idade e que, aos 61 anos, resolveu escrever sobre si mesma.

Quando eu nasci, a horta, bem dizer, já estava formada e o lugar parecia mágico. Tinha várias minas d'água e ficava numa baixada, quase no pé do aterro da linha do trem, como se fosse numa concha; no fundo tinha um bambuzal e passava um córrego, o Córrego da Figueira, delicioso, onde em épocas de chuva pescávamos de peneira e, na estiagem, brincávamos de atravessar o túnel que transpassa o barranco por onde escoam, até hoje, as águas do córrego. Muitas vezes, eu e a molecada, fazíamos diques com folhas de bananeira para nadar, na maior das inocências, só de calcinha, e outros, pelados, para, depois, não ir para casa molhados e levar uma coça dos pais. Lembro-me bem

que, com varinha de bambu, espantávamos as cobras que apareciam, e, muitas delas, provavelmente, moravam no bambuzal. Não tínhamos medo, acreditávamos que as cobras deixavam seus venenos na barranca do rio antes de entrar na água. Era um lugar, devido às minas d' água e brejo, de muitos sapos e cobras e outros bichos peçonhentos, tanto que o bairro ficou conhecido popularmente como Bairro do Sapo e que, na verdade, é Bairro Santo Antônio. À noite éramos acalentados pelo coaxar dos sapos e acordávamos com o canto dos passarinhos e, vez ou outra, pelo apito do trem.

A rua não era pavimentada; as separações das casas e dos quintais eram por cercas, algumas chamadas de “cerca viva”, formadas por uma planta conhecida por “leiteiro” e se tornavam lugares propícios às brincadeiras de esconde-esconde. Às vezes, sem os devidos cuidados, coçávamos os olhos que depois ardiam feito pimenta brava.

Igrejinha, como chamávamos a Capela de Santo Antônio, ficava apenas a dois quarteirões da minha casa; na esquina era a Venda do Gabriel, e me lembro que, de vez em quando, perto da hora do almoço, minha mãe me mandava comprar umas fatias de mortadela para servir de mistura. À noite era escura como um breu; os postes, de pau, tinham a luz tão mortiça que mal servia para indicar o caminho. Era costume andar pelo meio da rua para não tropicar. Havia um razoável movimento de pessoas, vizinhos e moradores da redondeza, perto da hora do almoço ou à tardezinha, que iam comprar verduras para consumo. Havia várias hortas e a nossa ficava no último quarteirão. Eram tantas as famílias unidas pela amizade que hoje as mantenho na saudade.

Em época de finados, em todas as hortas predominava a plantação de flores; meus pais plantavam não-me-deixes e cravinas. Havia horta com plantação de copos de leite, outra de margarida e tinha também a que plantava lírios de São José. O lugar era muito bonito e

aprazível. Pessoas simples e madames iam para comprar flores, ficavam encantadas e não tinham pressa de ir embora. Meu pai era prático em buquês, fazia um mais lindo que o outro, tanto que as freguesas ficavam na dúvida e se demoravam a decidir, coisa que irritava minha mãe, talvez por ciúmes. Os dois eram ciumentos e esse era um dos motivos que geravam discussões entre eles. Minha mãe desferrava nos filhos toda sua ira; bastava uma arte pra ela surrar sem controle o culpado e aliviar suas tensões. Aliás, não sei quem de nós apanhou mais, só sei que foram muitas as surras que levei, algumas com motivo, outras acho que desnecessárias. A maior delas aconteceu no dia em que eu quis fugir de casa e fui me acoitar na casa do sr. Vito benzedor; devia ter uns 6 anos. Eu comecei a estudar com 7 anos e esse episódio se deu quando eu ainda não ia à escola. Estava escurecendo, eu já estava arrependida, mas não podia voltar atrás, pois eu saí de casa para não apanhar. Não sei como, acho que foi algum vizinho ou mesmo alguém da casa do sr. Vito que delatou onde eu estava. Meu irmão Lita, que é 9 anos mais velho que eu, chamou-me pelo apelido, Tonha, e eu não vi que a minha mãe estava de tocaia junto à cerca e mal cheguei ao portão ela me agarrou pelos cabelos, arrastou-me pra casa e lá apanhei muito, a noite inteirinha. Hoje, que sou mãe e avó, posso avaliar o desespero que ela sentiu ao me procurar a tarde toda e não me achar. Bem, eu não posso negar que fui uma menina muito peralta.

Sempre tive a natureza como entretenimento: caçava, durante o dia, borboletas e passarinhos; à noite, vagalumes e cigarras. Tenho várias cicatrizes que são marcas de minhas travessuras. Embora peralta, quando criança, eu também gostava de brincar de casinha e minhas bonecas, na época de milho verde, eram de espigas de milho. Gostava muito de procurar imagens nas nuvens. Eu e uma de minhas amiguinhas ficávamos horas deitadas na grama voltadas para o céu, chegando

a ter as mesmas imaginações. Eu gostava de brincar com ela, porque não brigava comigo, raríssimas vezes ficamos de mal.

Quase todos os dias, ao anoitecer, juntava um bando de crianças para brincar na rua; algumas mães também saíam e se assentavam fora de suas casas para prostrar. A rua não tinha calçadas. Brincávamos de jogar lesca, pega-pega, de roda, pula-corda, passa-anel, balança caixão e tantas outras brincadeiras que marcaram minha infância. Quando era defronte minha casa eu podia ficar até mais tarde, mas quando se juntavam lá no fim da rua, pra mim era uma tortura, pois, no melhor da brincadeira eu ouvia um grito: “Tonhaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!”. Era minha mãe me chamando para entrar. E a molecada caçoava de mim, e eu, num só pique, estava no portão, e nem questionava quando ela xingava e mandava eu ir dormir. A mesma tática ela usava durante o dia, quando queria saber onde eu estava: era só dar o grito de Tarzan e eu aparecia rapidinho.

No quintal de casa tinha um barracão, onde meu pai guardava a carroça, ferramentas, máquinas, sacos de adubos, enfim, era entupido de tralhas; e tinha também um tambor grande, amarelo, desses de óleo, onde a molecada gostava de brincar. Um dia, que me lembro, eles me convidaram para participar da brincadeira; disseram que iam brincar de balança caixão e se posicionaram um atrás do outro; eu era a primeira da fila, de três moleques, meu irmão Coroca e mais dois pentelhos. Eu me lembro que saí chorando, porque eles não deram nem o tapa na bunda e muito menos foram se esconder. Minha mãe, já com o chinelo na mão, percebendo que havia algo de errado, queria saber o porquê de eu estar chorando. Sobrou pra todos eles que nunca mais voltaram a brincar atrás do latão.

Bem perto, morava uma família de desocupados, vários adultos e crianças na casa e, quando menos esperava, eu estava lá para brincar.

A moça solteira gostava de me pegar no colo. Certa vez, uma vizinha, pelos vãos da cerca, espiou e, certamente, não gostou do que viu, alertou minha mãe sobre o movimento estranho. Bom, não preciso nem falar o porquê de eu nunca mais ter voltado pra brincar naquela casa.



Minha Mãe e meu Pai

Tal como a flor acanhada do joá-bravo que, com seus espinhos acutíssimos, protege seus frutos, minha mãe, escondida num personagem austero, utilizava o látego amedrontador, os gritos e xingos agressivos como forma para, nessa luta feroz, manter os filhos sob suas rédeas. Mesmo com toda energia hercúlea dispendida na luta que às vezes travava, algo fugia de seu controle, quando as travessuras ultra-

passavam os limites aceitáveis. Só não houve a consumação de atos libidinosos devido à marcação acirrada da brasileira guerreira e geniosa que deixou suas vaidades à labuta na terra. Descalça, sempre molhada por aguar a horta, avental sujo do fogão de lenha, atropelada em conciliar os afazeres da casa com a lida na terra e cuidar dos filhos, protegendo-nos como uma leoa, educando-nos de forma rígida como quem adestra seus soldados à batalha. Ao meu pai, tocou o preparo da terra e o plantio, e fazia todo tipo de serviço pertinente aos homens. Era o pedreiro, carpinteiro, eletricista, enfim, foi assim que conseguiu algumas economias. Ele quem me ensinou o nome dos pássaros; eram muitos e de várias espécies que vinham atazaná-lo em busca de alimentos, e ali tinham em abundância. Certa vez, perguntei a ele de onde eu havia nascido; ele deu como origem um canteiro para cada filho e pra mim o canteiro de cebola; acredito não ter gostado muito, visto que, não me esqueci.

Minha mãe não tinha tempo pra me levar passear, mas deixava-me ir com minhas amiguinhas e sempre acompanhadas de uma pessoa adulta bem recomendada, geralmente mãe de uma delas. Íamos assistir à retreta da banda aos domingos à noite, à missa, matinês, programas infantis de rádio, ver o Papai Noel em época de Natal e outros passeios.

Fiz o catecismo na igreja. Lembro-me de um dia em que eu e minha amiguinha predileta fomos confessar. Ela foi primeiro ao confessor; quando eu saí, percebi que ela já havia terminado sua penitência, mas ficou sentada no banco esperando eu fazer a minha. O padre pegou pesado por conta de tudo o que eu confessei, tive que rezar muito e todas as rezas.

Em parte da minha meninice e adolescência participei dos eventos da igreja: das quermesses e suas gincanas, fui da cruzada e filha de Maria, reuniões de jovens, atuei na encenação da Paixão de Cristo.



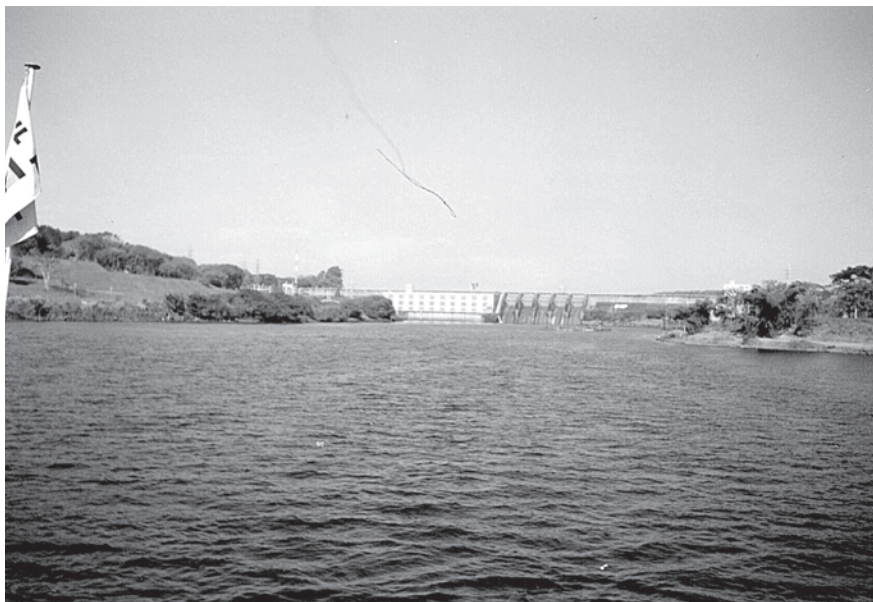
Eu na escola

Cursei o primário, até o terceiro ano no Grupo Escolar Dr. Pádua Salles e, sofria *bullying*, talvez pelo meu corte de cabelo. Meu pai era quem cortava nossos cabelos. Eu queria deixar crescer, mas como eu pegava muito piolho, ele cortava tipo cuiá e dizia que era o corte “lagarcione” e eu tinha que aceitar. Ele também confeccionava os nossos chinelos, solado de pneus e duas tiras largas cruzadas em cima; os meus eram bem grandes e largos que eram para durarem e servirem pra bastante tempo. Ele não tinha noção de que, quando eu ia pular corda, no intervalo das aulas, saíam dos meus pés e daí eu só conseguia pegá-los quando batia o sinal, no término do recreio. Eu passava o tempo todo correndo e chorando atrás dos alunos que os chutavam de um lado para o outro, fazendo a maior farra na brincadeira de fazê-los de sapos sarnentos.

Ela quem me defendia e descia o couro em quem quisesse me bater no recreio e na saída da escola; era bem piolhenta também; alta, magricela e repetente. Eu emprestava minha borracha dura, pra ela que tinha um jeito eficaz de apagar os erros: molhava-a na língua e passava no caderno. Tudo ia bem, até o dia em que o pessoal do posto de saúde compareceu à escola e nas salas de aula distribuiu latinhas para colher material para exame de fezes. Eu não havia entendido muito bem, mas a Marilu, experiente, me explicou direitinho. No dia marcado, bem cedinho, utilizando um graveto, enchi a latinha de material fecal, e tratei de guardá-la na bolsa para não esquecer. Eu estudava no período da tarde. Confesso que eu era muito estabanada; não podia ver uma bunda na minha frente que logo dava uma bolsada, e nesse dia não foi diferente. Antes de iniciar a aula, a aluna responsável pela coleta das latinhas, passou com uma bandeja de carteira em carteira recolhendo o material; quando ela pegou a minha, eu percebi que a mesma estava bufando e tratei de disfarçar; a Marilu estava distraída e não percebeu a cara que a menina fez saindo às pressas para se livrar do compromisso. Marilu não tardou em pedir emprestada a borracha. Como minha bolsa era malcheirosa, não percebemos que tinha algo de errado. Lá para o final da aula, notou que seu caderno estava com uns riscos amarelos e com um cheiro pouco agradável. Cismada, pediu a borracha novamente. Viu que ela estava meio melada. Não deu outra. Na saída da escola eu levei uns cascudos e, chorando, pedi desculpas. Em casa, minha mãe ao saber de tudo, fez para mim um embornal de pano de saco, tingiu-o de azul-marinho e com ele terminei o ano letivo. No outro dia, Marilu veio conversar comigo e disse que na hora da raiva ela perdeu a cabeça e, que se eu fosse uma outra pessoa iria fazer engolir a borracha e, certamente, não estaria ali para assistir às aulas. Isso tudo não afetou a nossa amizade. No ano seguinte eu fui estudar na escola do Sesi, onde concluí o curso primário.

O sonho dos meus pais era ter pelo menos um de seus filhos formado. Disse ao meu pai que eu queria estudar em uma escola que era paga. Ele investiu em mim e pagou um ano meus estudos e eu o enganava, batia da aula para nadar na piscina municipal e não me faltava companhia; quando ia à aula era pra fazer bagunça. Um dia, com uma turminha, fui nadar em outra piscina, conhecida como piscina do Paulão, quando me dei conta do horário, já era tarde; apavorada, voltei para casa. Que surra! Foi uma das últimas, pois eu já estava ficando mo-cinha. Que vergonha! Ela me pegou no quarto e desceu a lenha; a janela estava aberta e encheu de crianças que da cerca gritavam e torciam pela minha mãe. Quando eu consegui sair das garras dela, num piscar, fechei a janela e ela continuou a me bater, merecidamente. Tanta surra não adiantou, porque eu fui reprovada e parei de estudar. Aí, fazendo apenas um curso de datilografia quis trabalhar pra ter meu próprio dinheiro. Foi uma época de transição para a adolescência. Tinha meus paquerinhas e começaram os complexos. Tentei trabalhar de empregada doméstica, não me dei bem, só fui um dia. A patroa mandou que eu passasse a enceradeira na sala, o cordão era curto e saiu da tomada e, sem desligá-la, conectei-a novamente; a danada começou a pular e acabou com a cristaleira; eu assustei, larguei tudo e fui embora. No outro dia, eu voltei pra receber as horas que havia trabalhado. A mulher olhou bem pra minha cara e me deu um carreirão.

Nessa época eu já estava morando na casa de n.715 que meu pai construiu ao lado da de n. 699. A Cema morava em São Paulo. Casados, o Titi e o Mário moraram em suas respectivas casas, no mesmo terreno da horta. Eu tinha um quartinho só pra mim. Era o meu refúgio. Assim como eu, o bairro também estava se transformando: a rua já era asfaltada, os postes, não mais de madeira.



Barragem de Igarapé do Tietê

Acho que não tinha 15 anos quando atravessei o rio Tietê a nado, bem próximo à barragem de Igarapé do Tietê. Quase matei minha mãe de susto. A barragem da hidroelétrica era recém-construída e estavam abertas as comportas. Aproveitando o avanço das águas do rio, as áreas das margens foram transformadas, tanto em Igarapé do Tietê quanto na Barra Bonita, em praias artificiais, propiciando lazer à região. Num daqueles domingos de sol feito brasa, minhas primas de Bauru vieram passear na casa da tia Odila. Meu irmão, Mário, lotou a sua perua Kombi, e lá fomos nós fazer pic-nic na praia de Igarapé. Lá chegando, como sempre, eu quis ser o alvo das atenções e fiz de tudo para aparecer: plantei bananeira, fiz estrela, espacate, e não satisfeita, ao ouvir uma turminha de rapazes, conhecidos meus, combinando de atravessar o rio a nado, eu me adiantei e me lancei na aventura, cujo alvo era aparecer mesmo. De volta pra casa, meu irmão mal estacionou a perua, quando minhas primas, ainda tensas, entraram gritando: tia, tia,

a Tonha atravessou o rio Tietê. Minha mãe começou a ficar amarelada e elas continuaram. “Mas ela está viva, tá aqui”. Qual o quê, minha mãe foi abaixando, abaixando e “ploft”, foi ao chão.

Em 1.967, com 15 anos de idade eu consegui meu primeiro emprego. Fui trabalhar em um bazar defronte o Jardim de Baixo. Na hora do almoço e à tarde, ao ver os estudantes, uniformizados, se reunirem no jardim, eu tinha uma sensação de inveja, recalque e me sentia incomodada com a presença deles, tanto que me faziam pensar na possibilidade de voltar a estudar, o que realmente ocorreu. No ano seguinte, eu e mais uma turma de amigos iniciamos o curso ginásial à noite. Às vezes eu cabulava a aula, mas uma das minhas amigas pegava no meu pé e ameaçava contar pra minha mãe caso eu continuasse a faltar. E assim, meio que nos trancos e barrancos e na base da cola, terminei o ginásial no tempo certo.

Quando eu trabalhava no bazar, uma das coisas que eu tinha que fazer era pagar duplicatas no banco. O primeiro banco que eu entrava era aquele, que na época, ficava localizado próximo ao bazar e também defronte ao Jardim de Baixo. Fiquei apaixonada por esse banco. Enquanto eu esperava os procedimentos pra depois ir ao caixa, eu ficava no balcão, embevecida, olhando os funcionários trabalhar. Eu me transpunha para o interior do banco, tanto que, em janeiro de 1.974, com 22 anos de idade eu estava lá, trabalhando no mesmo lugar em que eu me imaginei estar.

Trabalhei pouco tempo no bazar, apenas 4 meses; saí antes de deixar a patroa pirada. Em janeiro de 1968 comecei a trabalhar no escritório de uma fábrica de calçados, onde cometi todos os erros que uma funcionária, inexperiente, conseguiria cometer; cheguei a apagar talões de nota-fiscal inteirinhos e refazê-los utilizando o papel carbono de forma a não aparentar rasuras. Mas também, assim como os outros

empregados, eu não recebia o pagamento certo; eram muitas as vezes que atrasava e outras tantas que não recebia mesmo, e, assim, ia levando, mas, antes que uma fiscalização pudesse pegar meus erros, tratei de arrumar outro emprego. Valeu pra fazer parte do meu currículo vitae e contar como tempo para a aposentadoria.

Com essa “experiência”, não foi difícil arrumar o terceiro emprego. Em janeiro de 1.969 comecei a trabalhar em um escritório de contabilidade e mal sabia o patrão que estava chegando uma destrambelhada. Eu era muito brincalhona, tipo o bobo da corte, aproveitava a ausência do patrão e aprontava minhas presepadas. Aprendi muito, principalmente que tinha que fazer a escrituração fiscal à caneta tinteiro porque se tornava fácil apagar os erros com água sanitária, sem deixar marcas, e cá pra nós, eu cometia muitos, cheguei a apagar folhas inteiras, mas eu tinha essa “água benta” ao meu favor. O dono do escritório me aturou por dois anos e em março de 1.971 saí para trabalhar em uma concessionária de veículos. Após passar por mais dois empregos, por um período curto, em 1.974 ingressei no banco por mim desejado na minha adolescência. Passados uns anos, prestei um concurso para trabalhar em outra instituição financeira. Passei mas não fui chamada, pois, o governador do Estado, na época, cancelou o concurso, sob as alegações que o Estado não era cabide de empregos.

Nessa época eu já andava preocupada com as minhas distrações. Desorientada. não percebia o tamanho da luxúria que rondava minha cabeça, embrenhando-me nas fantasias nas quais ela me conduzia.

Adorava tomar banho de sol e os verões para mim eram marcantes. Vivi minha juventude intensamente, fui a bailes, brinquei carnaval, flertei e namorei, sorri e também chorei muito, principalmente quando perdi aquele que, além de irmão, era meu amigo e confidente. Mário morreu de forma trágica, envolvido em um acidente de auto-

móveis, ocorrido na volta do penúltimo jogo de futebol em que o time da minha cidade estava disputando e prestes a entrar para a primeira divisão do campeonato paulista. O jogo foi em São Carlos e na volta, na euforia de ter ganhado a partida, uma turma de torcedores parou em um bar de um posto de gasolina, pra comemorar. Estava chovendo muito e mesmo assim, eufóricos, seguiram viagem e na curva, conhecida como curva da biquinha, próximo à cidade de Bocaina, aconteceu a tragédia. Quando recebi a notícia eu perdi o chão e me senti no mais puro abandono. Foi difícil lidar com essa perda e, mais que isso, acompanhar o sofrimento dos meus pais. Eu tinha por ele um carinho muito grande. Ele era carismático, brincalhão e inteligente. Ele e mais dois amigos haviam montado uma fábrica de saltos para calçados, foram um dos primeiros na região, estavam ganhando muito dinheiro. Abrira uma conta no banco em que eu trabalhava pra me ajudar a cumprir minha meta de captação de clientes. Assim como nós, ele também tinha alguns vícios de linguagem. Na véspera do acidente, o outro irmão meu, o Lita, fez um churrasco na casa de meus pais e chamou-o para participar. Foi como uma despedida. O Mário, sempre brincalhão, esbanjou seus palavreados e por várias vezes usou a palavra acidente, dizendo, sempre em tom de brincadeira, que no dia em que ele capotasse o carro, teríamos que pegá-lo com pazinha. E foi bem assim. Creio que, talvez por uma carência afetiva, ele imaginava o mundo chorando sua partida; não que tivesse o desejo de morrer. Foi um enterro memorável, com tudo que os falecidos, ele, um dos sócios e um amigo, tiveram direito. Caixão coberto com a bandeira do time, missa, homenagens, muito choro e muita tristeza, foi uma lástima.

A vida seguiu em frente. Trabalhei nesse banco por 10 anos e já estava me cansando da rotina. Nesse período me casei e passei minhas crises conjugais. Nessa época iniciei uma caminhada em busca de novas tendências religiosas e filosóficas; foi quando o marido de uma colega

de trabalho emprestou-me algumas fitas cassetes de um curso tipo controle da mente. Ouvi-as atentamente.

Fui uma pessoa muito ansiosa. Por conta disso, às vezes, me tornava incosequente, sendo que, para vencer minha impaciência buscava ajuda nas pessoas dadas a práticas premonitórias. Na época, soube que havia uma senhora que lia muito bem cartas e que diziam acertar tudo. Num dia, daqueles em que nem eu mesma me suportava, devia ser umas 14 horas, estava trabalhando no caixa e era dia de muito movimento no banco, período de pagamento; mesmo assim, com a anuência do meu chefe, larguei tudo. Fiz uso da plaquinha “favor dirigir-se ao caixa ao lado”, e fui, a pé, bater à porta da cartomante que morava longe do banco. Ao ver-me chegar toda esbaforida, não cogitou em me dispensar e atendeu-me. Lembro-me bem que nessa vez eu não queria saber nada relativo a namoro, somente a respeito de serviço. Sabiamente, usando da sua psicologia peculiar, após relatar várias coisas que iriam me acontecer, num dado momento, perguntou-me se eu tinha feito algum concurso para trabalhar em outra instituição financeira e eu respondi que sim, mas que havia sido anulado. Ela insistiu em dizer-me que esse seria meu próximo emprego. Bem, percebendo que eu estava mais tranquila, encerrou a “consulta”, não cobrou um centavo sequer, se despediu dizendo-me que um dia, mesmo eu estando velha, não iria esquecer das suas previsões. O fato é que passado algum tempo, eu fiz novamente o concurso para aquela instituição bancária, e também fiz um para o poder judiciário; passei em ambos, fui chamada para os dois cargos na mesma semana. Por eu estar trabalhando em banco, optei por continuar ser bancária e, carregando minha “experiência”, principalmente em estornos, sendo que, cheguei a fazer estorno de estorno, fui admitida na tal instituição prevista pela cartomante, em junho de 1.984, onde trabalhei por 6 anos. Foi uma época difícil para mim: nesse período, tive meus dois filhos, separei-me do marido, o salário foi se

achatando por conta de uma inflação galopante. Comecei a arrepende-me de não ter escolhido trabalhar no Fórum. Um dia, em meio às minhas lamentações, ouvi alguém me dizer que oportunidade é só uma vez; como eu já havia atinado sobre a técnica de indução fui enfática em retrucar que para mim não, tanto que, em 1.990, concursada, ingressei no Fórum como escrevente e, afeiada na técnica, em 1.991 já era oficial de justiça e nesse cargo trabalhei até me aposentar, em 2005. Ao todo foram 37 anos trabalhados com registros.

Saliento que, quando eu estudava para os concursos dos quais participei, gostava de estudar em grupo, procurava passar ao grupo as técnicas de indução e os resultados foram satisfatórios, tanto pra mim quanto para quem as praticou. Confesso que não era muito chegada aos estudos, então, fui dando um jeito de torná-los mais amenos, mesmo porque, cansei de ir de alegre, sem preparo e me dar mal, principalmente em português, até que um dia lancei um desafio comigo mesma e me propus a dar aulas de português. Isso aconteceu: peguei três gramáticas consagradas e esmиеcei-as e delas, fazendo um pente fino, extraí a minha apostila, recheada de cantorias, brincadeiras, mnemônicas, piadas e com uma didática diferente que proporcionava condições de gabaritar a prova. O mesmo, elaborei com matemática, contabilidade e direito. Que me perdoem os professores, mas que funcionou, funcionou.

Quando iniciei minhas funções no Fórum, já estava buscando uma linha de pensamento que me levasse a refletir sobre o processo indutivo, além de buscar uma quietude interior e poder passar, a quem interessar, esse conhecimento que não saiu da minha cabeça, mas que apenas compilei ao meu modo. Motivada pela aprovação de todos que estudaram comigo e passaram no concurso de oficial de justiça, resolvi montar um esquema preparatório para concursos públicos. A procura considerável, devido aos resultados, deu-me condições financeiras para

viajar fora do Brasil e participar de seminários voltados aos meus anseios. Atribuo os índices de aprovação, dos que estudaram em minha casa, à prática de acelerar o processo indutivo cujas técnicas eu passava durante uma semana, antes de iniciar as matérias específicas de cada concurso e repetia os conceitos até o final levando à aprovação os que praticaram.

Sempre tive certa ligação com o elemento água. Em 1994 ingressei na faculdade e cursei navegação fluvial que muito contribuiu para eu adquirir alguns conceitos relativos à física e que me auxiliaram a expressar sobre o movimento que, acredito ser natural, porém, normalmente ocorre de forma inconsciente e a finalidade de eu explicar a indução sob forma de curso sempre foi para despertar a consciência e acelerar o processo para atingir o objetivo.

Um dia, sabendo do curso de indução e de seus resultados, uma amiga minha, esteticista, questionou-me o porquê de eu não aplicar a técnica na área da saúde, sugerindo-me a aplicação na obesidade, por exemplo. Confiantes e juntas, montamos em seu espaço de trabalho uma turma com algumas pessoas obesas e o resultado do curso foi fantástico. Montamos mais duas turmas ligadas ao emagrecimento; a última foi em casa e encerramos com um jantar onde pudemos sentir quão apetitosos são os alimentos, colocando em prática a forma correta de nos alimentarmos com a atenção dirigida na mastigação e sentindo o prazer no sabor dos alimentos.

Dei alguns cursos direcionados a vendas, mais para exercitar e provar a eficácia do método. A técnica é única. O que muda é apenas a oficina de trabalho. No último curso de vendas, paguei mico. Estava lá dando o curso no recinto da loja, após o turno de trabalho, quando, no auge das explicações e motivando os vendedores à captação de clientes e a elevarem seus ganhos, notei que patrões e empregados esboçavam

uma certa inquietude. Na saia justa em que me meti, uma das vendedoras, no intervalo para o café, sutilmente, com as mãos na boca, chegou bem próximo e disse-me que os vendedores não ganhavam por comissão, que tinham um salário razoável, mas fixo. Segui naturalmente, sem sair da proposta de intensificar as vendas.

Esse, digamos curso, ficou engavetado por algum tempo e urge que eu o coloque em prática, porém, sem melindrar os profissionais da área.

Como eu nasci no mês de junho, o meu primeiro nome se deu por conta da devoção que minha mãe tinha pelo glorioso Santo Antônio e o segundo foi acrescentado a pedido da minha madrinha de batismo, a quem atribuo o feito de eu poder exigir que, na adolescência, todos passassem a me chamar de Regina, numa árdua tarefa de destituir o Tonha, visto que, me incomodava. Mas hoje, sei a importância de Tonha em minha vida; por isso, trago-a de volta e, virtualmente, Tonha e Marilu, ambas, nesta classe, irão me ajudar, deixando-me bem a vontade para poder passar o que recebi durante minhas andanças e que, após ter colocado em prática, pude saborear os resultados e tenho a certeza de que, se assim o fizer, muito irá mudar em sua vida. Ainda existem carteiras vazias, e, por favor, junte-se à Marilu e a Tonha e aprenda, por exemplo, como passar em concurso público; em vestibular; vencer a obesidade; atingir a meta de vendas, ou conquistar o que julga ser difícil.

A única condição, não imposta, é que venha desprovido dos ranços das comparações.

Sei que um dia você fará melhor que eu, mas foi a única forma, embora acanhada, que achei de passar esse conhecimento que denomino de “processo indutivo”.

Assim como eu, você deve estar imaginando uma sala de aula. Peço que adentre, pois, eu já o imagino em uma das carteiras e nela você não está só.

Recorro à exposição de boa parte da minha vida e, por analogia, demonstro a mecânica do movimento que, sem delonga, chegará à conclusão de como os fatos acontecem.

Longe da pretensão de evangelizá-lo, mas, na ânsia de fazer com que você entenda, posso parecer piegas ou por vezes me tornar repetitiva. Então, peço que tenha paciência e descarte sabiamente o que possa lhe estar incomodando.

Procurarei explanar o curso em 5 tópicos. Simulando o presencial um em cada dia, acredito ser conveniente que faça o mesmo ritmo.

1ª Aula:

Seja qual for o seu interesse pelo curso, eu vou supor, por exemplo, que alguns de vocês estejam buscando ser oficial de justiça, outros emagrecer ou ainda quem esteja querendo aumentar suas vendas. Dessa forma, vai me facilitar na explicação, visto que, são temas com os quais já trabalhei. O importante é que aprenda sobre a técnica, que ela esteja ao seu dispor e que você a utilize com responsabilidade.

De início, vou copiar a metodologia utilizada em uma palestra que assisti num evento sobre vendas, em São Paulo, no ano 2001, de um produto japonês. Na véspera desse evento, vieram-me uns pensamentos e eu tive a impressão de que iriam perguntar sobre energia; talvez por ter lido sobre esse assunto em algum catálogo. Astuta, recorri ao dicionário e livros de física e me pus preparada, caso perguntassem, a responder. Quando cheguei, fiquei meio inibida com a presença de tantos japoneses. Não deu outra. Após a apresentação e cumprimentos, na introdução ao tema, veio a primeira e esperada pergunta feita pelo palestrante:

-Alguém aqui pode me dizer o que é energia?

Antes que ele terminasse a frase, eu já estava de braços erguidos e abanando as mãos. Olhei para os lados, não vi uma sequer levantada, mas, em contrapartida eram muitas caras orientais me olhando. Achei-me o máximo. Fui respirando fundo, relaxando, cruzando as pernas, ancha, pescoço esguio e de cabeça inclinada e sem titubear respondi na lata: - “Energia é a propriedade de um sistema que lhe permite realizar trabalho”. Ufa!

Silêncio total. Uma pausa bem definida e prolongada. Aos poucos fui voltando nos meus 1,57m, e, como uma lesma, recolhida em seu

caracol sussurrei: “Que caca”. Rompeu o silêncio a voz atenuante do palestrante que, após uma leitura a laser, educadamente disse:

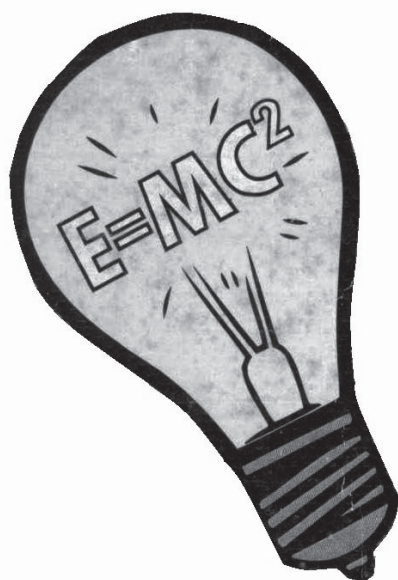
-Está certa a resposta, mas foi um tanto técnica e acadêmica; eu gostaria de ouvir algo mais simples, acessível aos leigos.

A partir daí, limitei-me em aprender.

Devo ratificar que o objetivo deste curso é apresentar um método, talvez novo pra você, que foge dos convencionais, mas que já foi aplicado em cursos preparatórios para concursos de vários segmentos com alto índice de aprovação. São processos que colocados em prática vão ajudá-lo em uma mudança radical. Para isso é preciso VONTADE, MAS, VONTADE CONSCIENTE.

Então, como a base do curso é ENERGIA, para afrontar o ceticismo, no intuito de conquistar sua confiança, julgo conveniente expor alguns conceitos, se bem que, se quisermos, com os recursos da internet, podemos nos aprofundar nas pesquisas.

BASE DO CURSO
ENERGIA



Valendo-me de: “Nesse mundo nada se perde, nada se cria (...)”, também copio alguns conceitos:

Energia = Maneira como se exerce uma força; propriedade de um sistema que lhe permite realizar trabalho. (Sistema = conjunto de elementos naturais intimamente relacionados).

A energia pode ter várias formas. Dentre muitas: calorífica, cinética, elétrica, eletromagnética, mecânica, potencial, química, radiante, transformáveis umas nas outras e cada uma capaz de provocar fenômenos bem determinados e característicos nos sistemas físicos.

A ENERGIA NÃO PODE SER CRIADA, MAS APENAS TRANSFORMADA (primeiro princípio da termodinâmica).

A massa de um corpo pode se transformar em energia e a energia, sob forma radiante, pode transformar-se em um corpúsculo com massa.

Sobrepondo os conceitos, deve estar a percepção de que tudo é realmente energia, por isso, você não precisa discorrer cientificamente sobre ela, basta crer na sua existência e senti-la.

Seguindo os apontamentos de aulas dadas no passado, vou utilizar a mesma sequência, ressaltando a importância de darem os mesmos passos para poder absorver e assimilar melhor.

Antes de falar sobre os cilindros, os 5 sentidos, mundo tridimensional ou físico, é fundamental acordar para o termo imaginação criadora que será muito usado.

Para entender o que venha a ser imaginação criadora, proponho-lhes um breve exercício.

Neste momento peço que fechem os olhos e cada um vá até sua casa e abra a porta da cozinha.

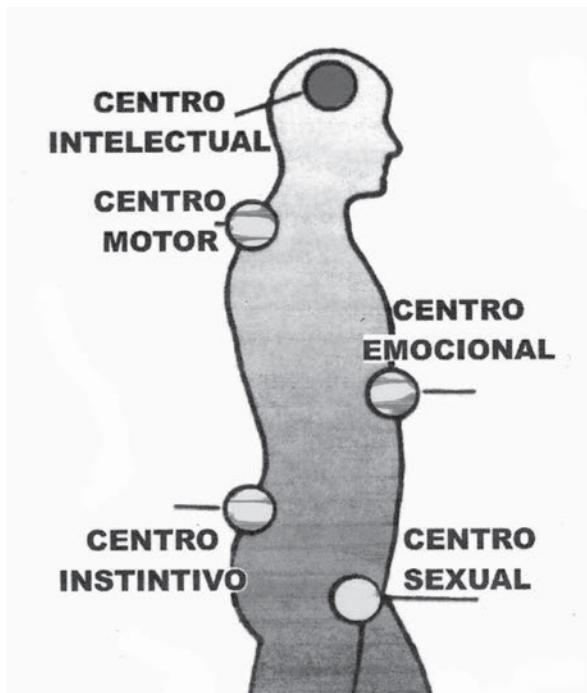
Fizeram? Visualizaram a porta da cozinha? A cor, a maçaneta?

Vamos combinar que toda vez que eu disser imaginação criadora é a essa mágica que estarei me referindo. É uma espécie de novelinha que passa em nossa cabeça.

Com relação aos 5 cilindros:

Há em nosso corpo físico centros de maior concentração ou de entrada e saída de energia, denominado, por alguns, de chakras e, por outros, de cilindros.

Assim como estão melhor demarcados na figura:



O cilindro motor está localizado bem na base de nossa nuca; o instintivo no cóccix, no último ossinho da coluna vertebral, na parte inferior; o emocional, quatro dedos acima do umbigo; o sexual, entre o ânus e o órgão sexual; o intelectual, bem no centro da nossa cabeça.

O mundo tridimensional é o mundo das formas (plano físico), compreendido pela: largura, altura e profundidade. É o mundo em que vivemos. Para tanto, foram-nos conferidos 5 sentidos, suficientes, para nos capacitarem a cumprir nossa trajetória, visto que, através da visão, podemos reconhecer e interpretar pessoas e objetos; da audição, ouvir todo tipo de sons vindos do mundo exterior; do paladar, nos deliciarmos com os sabores dos alimentos e bebidas; do tato, sentir o mundo exterior através do contato com a pele e, do olfato, sentir o cheiro das coisas. Todos, no processo de identificação, enviam informações ao cérebro, órgão responsável para efetuar a interpretação. Se quiséssemos perceber além do tridimensional, teríamos que desenvolver outros sentidos, como: a clarividência, clara-audiência e intuição que vão além das nossas capacidades normais. Mas, para viver neste mundão, até com menos de 5 daria.

Não seria bem um conselho, apenas um direcionamento para que aprenda, pesquise, lance desafios, assim como fiz; dando aulas para vencer minhas dificuldades.

Aptos a prosseguir, convido-os a fazer uma breve reflexão sobre o elemento água, pois, observar a natureza é a forma mais precisa para aprender.

“Água que me envolve, antes mesmo que eu viesse à luz. Sinto-a como parte de mim, algo que nunca me abandonou. Ela quem sacia minha sede; espargida, me cura, banha meu corpo, lava minha alma ao diluir minhas debilidades e a quem devo respeito e gratidão. Brincamos

muito lá no rio Tietê. Eu, um cisco, tocando-a e sentindo seu frescor naquele imenso volume, quando exaurida, com seu ninar, flutuei para descansar. Senti seu poder e não ousei desafiá-la. A força tenaz que, no rio, para mim pranchou, é a mesma que conduz os navegantes e que sustenta o mundo”.

RELAXAMENTO

Tranquilos e serenos, imbuídos na energia do elemento água, usando nossa imaginação criadora, vamos para um lugar, onde cada um possa se sentir seguro e à vontade para definir bem o que quer e fazer sua petição. Nesse primeiro encontro consigo mesmo, é comum um incômodo, certa desconfiança, ficar encabulado, mas, aos poucos, irá conseguir soltar as amarras circulares e abrir-se ao novo. Como contribuição, gostaria que embarcassem na minha imaginação e juntos visualizássemos o bambuzal da minha infância, vindo a calhar uma história que, um dia, ouvi sobre o bambu chinês que diz:

“Era uma vez, uma família que vivia em uma fazenda. O pai e os 3 filhos mais velhos trabalhavam na lavoura, os 2 menores, em idade escolar, iam pra escola logo de manhã e as duas filhas adolescentes ajudavam a mãe nos afazeres da casa. Um dia, o marido apiedando-se da companheira por suas difíceis condições de trabalho doméstico, de ter que ir lavar toda roupa lá em baixo na tina do rio, e também das filhas que baldeavam latas e latas de água na cabeça e, vendo a possibilidade de dar um conforto mínimo e necessário a toda família, deslocou-se até o bambuzal e, aos pés do maior dos bambus, teve com ele um diálogo em que expôs a dura situação de sua família e, na necessidade de promover tal conforto, não tinha outra saída senão cortá-lo. Da sua consciência, ouvia os lamentos do bambu escolhido que resistia ao corte e implorava sob a contestação de que, pela sua altura, era o guardião dos demais e que era ele quem ordenava para que todos se curvassem ante

o temporal, ensinando-os que só com a humildade poderiam vencê-lo. Após relutar, entendeu que poderia ser substituído nessa nobre tarefa e, como não ostentava a liderança, permitiu o corte. Apesar de estar no chão e deitado, não esvaía seus sentimentos e se sentia importante ao se lembrar do passado. De repente, o marido provedor de conforto, de posse de um facão afiado, começou a rachá-lo ao meio e ele aos gritos, de novo, reluta:

-Já não basta me tombar ao chão? O que mais quer de mim? E o que pretende?

Angustiado, a nível de consciência, por causar tamanha dor, aquele provedor explicou que era necessário dobrar o seu tamanho para alcançar a mina de água que brotava no pé do morro, atrás da casa, e, mais que isso, iria tirar-lhe os nós para torná-lo pérvio e permitir o escoamento da água. Aí foi o caos. Tirar o que tinha de mais precioso, sua identidade! São os nós que o identificam como sendo um bambu e o tornam diferente das demais plantas. Porém, em meio aos prantos, cedeu. Através desse sofrimento compreendeu que, às vezes, é preciso perder, deixar o apego e doar-se por inteiro.”

Com esse aporte à reflexão, vamos a uma pausa.

2ª Aula

Após recapitular a 1ª aula, bem antes de contar a história do marceneiro e discorrer sobre energias, convém abordar sobre ferramentas de trabalho.

Quando nos lançamos em uma empreitada ou num trabalho qualquer, por exemplo, formar uma horta, além de conhecer bem as ferramentas com as quais iremos trabalhar, teremos de saber pra que serve uma enxada, como utilizar um enxadão, uma pá, e mantê-las em boas condições para o trabalho; devemos ter ciência do local e do tipo de trabalho, fazer uma sondagem sobre as condições do solo e definir o que plantar. O mesmo tem que ser feito no trabalho de conseguir conquistar algo que desejamos. Além de conhecer bem as ferramentas com as quais iremos trabalhar, devemos fazer uma inspeção no que queremos conquistar.

Devo dizer que as ferramentas estão à disposição de todos, basta querer e saber utilizá-las.

Através da imaginação criadora, que é uma ferramenta de trabalho valiosíssima, vamos fazer uma observação em nosso corpo físico e ver como andam nossos cilindros. Saliento a necessidade de aquietar nosso corpo para estarmos em condições de realizar o trabalho, colocando nossa mente em cada centro e ordenando que se mantenha relaxado. Passando pelo cilindro motor, instintivo, emocional, sexual e mental, conduzindo nossa imaginação com base nas localizações já mencionadas. Além dos cinco cilindros, a voz é um instrumento de extrema importância. Está escrito que: por suas palavras será julgado e por suas palavras será condenado. Você é o artífice de seus sucessos ou de seus fracassos.

Uma vez, na aula de português sobre fonemas, o professor explanou a aula de posse de um cartaz com imagem do aparelho fonador, conjunto de órgãos responsáveis pelos sons da voz humana, ou sons da fala. Com o cartaz ficou fácil visualizar o percurso do ar: entrando pelas narinas, enchendo os pulmões, passando pela traqueia, laringe, cordas vocais até exteriorizar nossos pensamentos através de palavras.

Creio que as palavras são pensadas antes de serem proferidas. Nem que seja em uma fração de segundo, elas se formam em nossa imaginação; não existe essa de eu falei sem pensar, e sim, eu pensei tão rápido que nem deu tempo de analisar antes de serem proferidas.

Você já deve ter ouvido algo parecido com: você é aquilo que você pensa. Penso, logo existo.

Mas, vamos seguir com a nossa imaginação. Lá no começo, mencionei sobre o primeiro princípio da termodinâmica: uma energia não pode ser criada, apenas transformada.

Neste momento, vem-me à lembrança, um exercício para medir a velocidade da água, que consistia em colorir pó de serragem e jogá-lo na correnteza; quando esse pó colorido passava nos pontos demarcados, fazia-se a contagem do tempo.

Vamos imaginar, como num passe de mágica, colorir a energia e acompanhá-la em seu percurso e mais que isso, retroceder, fazer o caminho de volta. Primeiro, vamos visualizar, através da imaginação criadora, uma hidrelétrica: os vertedouros, a altura do paredão, canal de transposição, tudo isso para mensurar a vastidão do lago que se forma à montante e toda aquela água tendo que passar por um estreito canal e despencar daquela altura e cair nas turbinas fazendo-as virar com uma bruta força gerando energias que, capturadas, correm atra-

vés dos fios e chegam até aqui, acima da nossa cabeça, dispersando-as no ambiente. Fazendo o percurso de volta: quando a energia está aqui no teto desta sala, dentro do globo, está de forma luminosa; nos fios, como elétrica; virando as turbinas, cinética; vencendo o paredão, potencial... e assim vai: no lago, rio acima, nascente. Então, essa mesma energia que está aqui, proporcionando-nos um conforto, na forma luminosa, vem de longe, muito longe, e prosseguindo com nossa imaginação criadora, monitorando-a no caminho de volta, vamos nos deter num ponto, transformá-lo num lago, grande, muito grande, maior que aquele à montante, do tamanho do mar, feito de mousse, mousse de algodão, branquinho e todo mole, onde se concentram todas as energias que se espraiaram pelo Universo e foram se modificando em inúmeras formas e que, nesse lago de mousse, estão, todas, sob uma única forma de energia: energia MENTAL. Podemos denominar esse lago de: grande mente, mente maior, mente cósmica, um nome para expressar esse crivo, por onde passa tudo que está ou acontece, neste tridimensional e que estão sob variadas formas de energia: um emprego, uma cadeira, prédios, viagens, usinas, sentimentos; em fim, tudo, tudo passa pelo crivo da mente, podendo ser rápido, rapidinho ou demorado, bem demorado, mas passa.

Um dia, recorri a uma explicação que recebi a respeito de como funciona a nossa mente, que diz:

Temos a mente consciente e o subconsciente. Nós raciocinamos com a mente consciente e depois jogamos para o subconsciente armazenar as informações, e é ele que irá nos devolver conforme formos solicitando. Assim como no computador, se nós digitarmos a palavra papai e quisermos visualizar, vai aparecer na tela ou pela impressora a palavra que digitamos, papai. O subconsciente não raciocina, ou seja, acata as palavras literalmente, do jeito que elas são, e é ele que

determina o nosso sucesso ou nosso fracasso. Desde criança vamos aprendendo o significado das palavras que vão sendo armazenadas no subconsciente. Aprendemos, por exemplo, que dor de cabeça é aquele negócio que lateja. Existem pessoas que têm vícios de linguagem, tipo: -“*Tenho dois filhos, o mais novo é bonzinho, o mais velho me dá uma dor de cabeça!*”. “*Meu marido só me dá dor de cabeça*”. Não quis dizer com isso, o negócio que lateja, mas sim, que dá preocupação, ou coisa parecida. Com esse vício podemos incorrer em uma enxaqueca incurável, porque o subconsciente nos dá aquilo que se pede, no caso, o que lateja.

Devemos aprender sobre FORMULAÇÃO CRIATIVA.

Formulação criativa é qualquer palavra, ou série de palavras que determine o aqui e agora. Sempre usando verbos no presente.

Vamos supor que você queira ser oficial de Justiça, então diga: “*Eu sou oficial de Justiça*”. E repita inúmeras vezes, pois no mundo da essência, no astral, no paralelo, no mundo da imaginação, como queira expressar, o fato é que lá no mousse, no plano mental, você é oficial de justiça, embora no plano físico ainda não o seja. Lembre-se que o subconsciente acata as palavras literalmente e aprendeu que eu vou ser é futuro, então, se disser, eu vou, ele entregará exatamente o que está pedindo: hoje, eu vou ser oficial de justiça, amanhã eu vou ser..., depois de amanhã eu vou ser....., e assim, até os confins, pois, eu vou ser é futuro, e o futuro será sabe-se lá quando.

A palavra tem poder. É bom que se comece a preocupar quanto o uso da palavra após ter ciência do processo pelo qual passa na sua composição; os órgãos envolvidos em sua produção, o mecanismo da mente.

Como pode, sabendo que o subconsciente acata as palavras literalmente, continuar com as expressões e pensamentos negativos do

tipo: Não consigo aprender matemática; acho difícil passar em concurso; não ligo pra emagrecer; a situação está ruim etc.

Convém neste ponto, dar uma parada para um breve relaxamento que servirá para aquietar a mente, sendo que, cada um já sabe como conduzi-la. Sugiro descansar em baixo de uma árvore frondosa do tipo figueira, e lá, reiterar seu desejo. Lembrando que deve ser objetivo. Se quiser emagrecer, defina quantos quilos quer pesar. Ex: 65kg, e comece a dizer: eu peso 65kg. E nesse relaxamento vamos findando mais uma aula.

3ª Aula

UMA BATALHA SE VENCE POR ESTRATÉGIA.

Após recapitular a 1ª e 2ª aulas, vamos aprender a HISTÓRIA DO MARCENEIRO.

Havia, em uma cidade pequena, um senhor, Mário, que trabalhava numa fábrica de móveis, era casado e tinha quatro filhos menores de idade. Um dia, logo cedo, ao chegar no local de trabalho, viu o portão de entrada fechado e nele fixado um anúncio convocando os empregados para uma reunião no período da tarde. Cabisbaixo, ajuntado a outros que não se arredavam dali, buscava entender o que estava acontecendo. Na volta pra casa, não sabia como dar a notícia à sua mulher e foi imaginando sua situação caso a fábrica cerrasse as portas. Onde iria trabalhar? Esse foi seu primeiro emprego e ali já estava há tempo. Onde iria ter aquele ganho e continuar a garantir o sustendo da família? Em cidades pequenas as notícias chegam rápido. Quando ele voltou para casa, sua esposa, preocupada, já o esperava e juntos, tristes, foram se preparando para o pior. À tarde, sem almoçar, foi pra reunião e lá ouviu o que havia presumido. O dono da fábrica, dorido, explicou a situação da empresa, falou das dívidas para com seus fornecedores e com a União alegando que, no momento, não tinha como saldá-las. Não tendo outra saída, resolveu encerrar suas atividades e agendou um dia a cada funcionário pra propor um acordo de pagamento e esperar na justiça a rescisão do contrato. Por ter sido Mário um empregado exemplar, agendou para ele o primeiro dia de negociação. Nesse dia, propôs-lhe entregar como quitação, de tudo que tinha pra receber, algumas máquinas, dando-lhe condições de montar uma fábrica pequena de fundo de quintal. Ele já previa tal proposta quando junto com sua esposa discutiram sobre como vencer as dificuldades que iriam enfrentar, por isso, naquela hora não tinha muito o que pensar, era pegar ou pegar. Aceitou.

Fez um pequeno barracão no fundo da casa em que morava de aluguel e de posse das máquinas, começou a pensar no que fabricar até que um dia, ao encontrar-se com um jovem rapaz que havia trabalhado com ele na fábrica nos últimos meses. Conhecia seu serviço e achava-o uma pessoa responsável. Sem experiência em administração, convidou-o para encarar essa nova empreitada, propondo-lhe uma boa comissão sobre tudo que vendesse. O rapaz animou-se e, ciente da idoneidade de Mário, aceitou a proposta. Mário, buscando algo de fácil aceitação, observou que em sua cidade e na região, era comum grupos ecumênicos fazerem reuniões ou cultos em garagens, como também, grupos de estudos para concurso e decidiu fabricar cadeiras. Bolou uma cadeira leve, em madeira, fácil de transportar e de empilhar; confortável, de ripas no assento e nas costas, tornando-a bem arejada. Percebendo a preocupação do jovem rapaz em confeccionar a cadeira do jeito que foi descrita, Mário, munido de lápis e papel, começou a desenhar a cadeira de sua imaginação. Ao terminar o desenho, mostrou-o ao jovem que de pronto disse ser exatamente do jeito que havia entendido. Ambos, animados, cheios de esperanças em vencer aquela situação, começaram arrebanhar materiais essenciais para a fabricação das cadeiras: lixa, verniz, cola e outros além daqueles que já tinham.



Arregaçaram as mangas e mãos-a-obra. Após muitas horas dedicadas ao trabalho, inalando pó e cheiro de produtos químicos, tinta e outros, nocivos à saúde, talvez até sem os devidos cuidados, ficou pronta a primeira cadeira, do jeito que Mário a imaginou. Orgulhosos, os dois puseram-se a contemplá-la. Foi a primeira de uma série, pois, venderam muitas, muitas cadeiras.

Bem, com essa história, fica fácil explicar os passos que devem ser dados para se conquistar o que se pretende.

Para se conseguir algo, tem que dar os passos do marceneiro. Porque é assim que acontece, em tudo.

PASSOS DO MARCENEIRO:

VONTADE

CRIAR NO PARALELO

VERBALIZAR E EXTERIORIZAR

TRABALHAR

PASSAR PARA O PLANO FÍSICO

Vamos seguir os passos do marceneiro:

VONTADE

O primeiro foi a VONTADE, mas uma vontade consciente. O marceneiro quis realmente fabricar a cadeira. E você, o que quer? Digamos que alguém queira ser oficial de justiça, outro, emagrecer. Mas será que você quer mesmo? Bem, querer todo mundo quer. Mas será que quer de verdade? Querer de verdade! Aí reside o primeiro passo, a VONTADE. Às vezes precisamos aprender a querer, querer de verdade, e, para isso, é preciso estimular, aguçar nossa vontade. No caso, por exemplo, de passar em um concurso, apontar todas as vantagens do cargo, principalmente financeira; se for emagrecer, usar a imaginação criadora e se sentir poderosa, linda e maravilhosa, focar o que se pretende e trabalhar a vontade pra que ela se torne uma vontade consciente. No caso do marceneiro, a vontade veio de golpe. A possibilidade dos filhos passarem necessidades foi crucial para querer de verdade. Quando se chega num ponto de querer de verdade, não tem quem segure, caminha-se para o segundo passo. Você já ouviu aquela história de: água de morro abaixo....., não tem quem segure.

O segundo passo que foi dado pelo marceneiro foi a criação do que pretendeu.

CRIAR NO PARALELO

De novo, a imaginação criadora. Como o próprio nome indica: criar através da imaginação. Um recurso infalível.

Como diz algum jovem: “fiquei encanado”; uma mulher: “ele não me sai da cabeça”; o obeso: “quero emagrecer”; alguns: “preciso passar no concurso”; dizia o marceneiro: “Vou produzir e vender muitas cadeiras”. Do mesmo jeito que, em forma de novelinha: o jovem namora a pretendida, a mulher conquista o amado, o obeso se sente esbelto e atrai; e o candidato se imagina no cargo, também o marceneiro imaginou a cadeira que iria produzir. Toda essa mecânica ocorre lá no “mousse”, e ajeita aqui, ajeita ali, até ficar pronto o que se quer, ou seja, criar no paralelo: o cargo, o eu magro, a cadeira, a conquista, que na verdade não é bem criar, e sim, buscar, pegar aquilo que está pra você lá no mundo mental, ou no paralelo, seja lá o nome que queira dar. O que me levou a esse discernimento foi um relato que ouvi, há tempo, de uma senhora que devia ter, na época, uns 70 anos e que dizia sobre os sonhos que tinha quando criança, que eram repetitivos. Em suma: que ia à escola da fazenda junto com suas amiguinhas no mesmo carro e que seu pai é quem ia dirigindo. Esse carro era muito pequeno, mas quando lá chegava saíam, como em um desenho animado, todas de dentro do carro. Passado o tempo, mudou-se da fazenda, casou-se e foi morar em São Paulo, e qual foi sua surpresa quando se deparou com um carro que, igualzinho ao da sua imaginação na infância, era o fusca. Quantas vezes, pus-me a pensar sobre algo que tive em minha mente e bem depois, certa de que nunca havia comentado sobre isso, vi escrito em algum lugar ou passando na TV. Com aquele relato, aprendi que tudo está no paralelo e, no mundo da essência, baixa para o plano físico via invenção, por alguém que encanou no assunto. Pra entender, busque algo parecido que deve ter acontecido com você, e tornar claro o processo de criação no mundo paralelo.

Outros passos:

VERBALIZAR E EXTERIORIZAR

“No princípio era um vazio. Seguindo a VONTADE, veio a manifestação da imaginação; na verbalização, o verbo se fez e, graças a esse processo, surgiu o local Terra, onde me foi dada a oportunidade de estar para fazer o meu trabalho.”

Intuitivamente, o marceneiro deve ter feito corretamente a formulação criativa e repetido-a inúmeras vezes. Projetou-a no papel para que seu companheiro a visualizasse e, dessa forma, exteriorizou, não só através da fala mas também da imagem, a sua criação.

TRABALHAR

Nem tudo é mel na chupeta; o trabalho é inevitável, às vezes árduo, dependendo do uso das ferramentas.

Passar para o físico o que já está pronto na imaginação se faz necessário ir para a oficina de trabalho. A oficina de trabalho do marceneiro é a marcenaria; do obeso a mesa de refeição; do candidato, um local pra estudo; do vendedor, a loja ou onde estão seus clientes.

Tudo passa pelo crivo da mente. Tudo nasce no mundo mental através da imaginação criadora.

Entendido o sucesso do marceneiro, é importante um alerta sobre as forças opositoras.

Toda vez que nos lançamos em uma empreitada temos que resistir às forças opositoras, tipo força de arrasto, que podem ocorrer. Você já ouviu algo semelhante à história do cara que lutou, juntou suas economias e um dia comentou com um amigo que iria montar uma fábrica e deixar de ser empregado. O amigo foi logo dando um conselho ao jovem sonhador, pra que ele tomasse cuidado, pois, sabia de uma pessoa que, além de não ganhar, perdeu tudo que tinha quando montou uma fábrica que o levou à falência. Abatido pelo conselho, com medo, o jovem desistiu de seu sonho e continuou na vida de assalariado.

Imaginem o que não deve ter ouvido o marceneiro quando recebeu as máquinas, como forma de pagamento. Certamente ele seguiu firme em sua proposta.

Conscientes e firmes em nossas propostas, vamos a uma pausa.

4ª Aula.

A GRANDE META

ALINHAMENTO DOS TRÊS CORPOS: FÍSICO, EMOCIONAL E MENTAL.

O GRANDE SEGREDO: PENSAR, FALAR E SENTIR



FALAR O QUE ESTÁ PENSANDO E SENTIR O QUE ESTÁ FALANDO.

É imprescindível que, num breve relaxamento, cada pessoa, no seu interior, seja sincera consigo mesma. Verificar se assimilou o que até aqui foi exposto.

Supondo que você tenha compreendido, vamos misturar, e perdoe-me no que for repetitivo.

Tudo o que for de grande valia, deve ser somado ao que já foi dito.

Às vezes, mesmo estando dispostos a realizar um trabalho, não nos damos conta de que nossa mente vagueia buscando situações adversas à nossa proposta. Nesse momento, para estarmos por inteiro, convém visualizar nossos cilindros e ordená-los para que se aquietem. Através dessa auto-observação, vamos buscar o alinhamento unindo o físico, emocional e mental. Tudo isso, para elevar nosso ponto de vibração, da densa para a mais sutil. Cabe aqui, uma recordação: Lembrou-me, quando criança, do meu pai que tinha um rádio, bonito, caixa em madeira, mas de poucas faixas. Ele gostava de escutar *A Voz do Brasil*. Ai de quem passasse brincando ou fizesse algum tipo de barulho por perto do rádio; levava um croque na cabeça, pois, dava interferência e com pouco saía da estação; aí, ele ficava tempo dando toquinho no botão, até conseguir sintonizar novamente. Acho que deu pra entender que devemos elevar nossa frequência, aumentar a potência do nosso “rádio”, para atingirmos outras faixas, afastar-nos de tudo que possa dar interferência, palavras negativas, principalmente, que nos impeçam de sintonizar com o que queremos conquistar. Sabendo que tudo é energia e que a energia se propaga em ondas, vamos vibrar em uma oitava superior para surfar na onda da prosperidade. Chega de: desânimo, falta de tempo, eu não consigo. Saia do marasmo.

Relatei algo da minha vida pra que você compare minha debi-

lidade à sua capacidade; e ao questionar: como pode ter passado nos primeiros lugares em vários concursos bem disputados, uma pessoa, pelo que se pode ler, desqualificada? Encontre a resposta no que foi descrito e aprenda a visualizar, no que já aconteceu com você, ou com alguém conhecido seu, que em tudo se dá os passos do marceneiro. Veja como atuam com afinco as ferramentas de trabalho, na maioria das vezes, inconscientemente. Quão poderosa é a palavra e como sutilmente, também no trágico, alinham-se: o físico, emocional e o mental, ou seja: físico (falar), emocional (sentir) e o mental (pensar); de forma a promover seu sucesso ou o fracasso. Se eu pudesse retroceder no tempo, certamente teria orientado meu irmão a não prosseguir em seus vícios de linguagem, tampouco em suas débeis imaginações; mais que isso, se fosse possível, voltaria o tempo e daria condições de minha mãe ter aprendido que cada palavra tem sua natureza vibratória e que dependendo de como é entoada pode ser potencializada e, cá pra nós, na ignorância do ensinamento, nossas surras foram recheadas de um acre bem querer. Dos meus irmãos, carrego lembranças afáveis.

Lembro-me que, num dos últimos cursos, dentre outros relatos, o de uma mulher, obesa, que foi minha amiga de infância, perante todos, disse:

-Olha, o que você está dizendo tem algo a ver com o que aconteceu com meu marido. Devido à demora no processo da aposentadoria, reclamava e falava todos os dias que tinha a certeza que não iria aproveitá-la. Dito e feito, aposentou e não levou nem um ano, morreu.

É oportuno abordar sobre a MEMÓRIA FOTOGRÁFICA que é um recurso muito importante, que deve ser utilizado, através de cartaz criativo, não só por candidatos, mas a todos, até que vençam suas dificuldades em gravar algo. Já aconteceu com você algo semelhante como: quando alguém diz se você tem o número do telefone de fulano,

e você fecha os olhos e visualiza onde marcou e responde que sim antes de apanhá-lo. Na verdade, você não fecha totalmente os olhos, inconscientemente, deixa-os quase fechados, só uma frestinha e por entre os cílios foca abaixo da ponta do nariz. Busque aprender sobre esse procedimento que tem uma explicação sobre essa abertura “visual”.

Cabe aqui tecer um comentário sobre um fato ocorrido, visto que, digamos que você queira emagrecer, que seu objetivo é pesar 65kg, mas no real pesa 95kg. Lógico que quer estar com 65kg e bem, vivo, sem pelancas. Um dia, em uma reunião onde explanei sobre a técnica de indução, uma jovem senhora de 70 anos, pediu para que eu fosse até o quarto dela e lá me mostrou a montagem de uma foto que ela fez, intuitivamente, e colou-a na porta do seu guarda-roupa. Disse-me que fez, sem saber, porque gostou. Pegou uma revista e recortou a foto de uma ciclista, uma bonita pose: corpo em perfil e o rosto para frente, a modelo trajava bermuda de cotton e uma camiseta com a barra em um dos lados presa na cintura, exibindo uma das coxas tornando a foto muito sensual. O detalhe é que o rosto da ciclista foi recortado e a jovem senhora colou o seu, segundo ela, de uma foto que tinha e que parecia ter tirado para essa montagem perfeita. Incrível a semelhança visual. Compreendi como conseguia se manter no estilo, jovem como a foto que montou, dando prova de que uma vez que você cria a imagem, lá no mouse, e traz para o plano físico, ela não se desfaz; você sai do efeito sanfona, deixa de ser vítima de um sistema feroz que alimenta quem está dando os passos do marceneiro para enricar às custas dos obesos e imagine como você é uma presa importante a esse sistema de engorda e emagrece como uma rosca sem fim.

Antes de irmos para o resumo prático, é importante deixar claro sobre a responsabilidade que se deva ter ao acelerar o processo indutivo, visto que, nos acontecimentos trágicos, também denotam-se os

passos do marceneiro e as mesmas leis da física atuam, não apenas no tridimensional, mas também em outros planos.

ATENTE PARA:

AÇÃO E REAÇÃO

Se você der um soco na parede, é certo que irá senti-lo, na devolução, com maior intensidade.

GRAVIDADE

Não cuspa pra cima que cai em sua cara.

ATRAÇÃO

Diga-me com quem anda que direi quem você é.

Agora que entende a ciência dos acontecimentos, fica fácil aceitar que para conseguir passar no concurso de oficial de justiça, tem que dizer muito, mil vezes talvez, “eu sou oficial de justiça”, e conforme vai falando eu “sou oficial de justiça”, vai também se imaginando no cargo de oficial de justiça, e fale muito, escreva, simule virtualmente que está intimando alguém em especial, até que chegue no ponto de sentir que é oficial de justiça. Se você fizer a formulação criativa corretamente, irá sentir algo diferente, tipo: uma vontade imensa de estudar; vai procurar estar na maior parte do tempo em sua oficina de trabalho, seus assuntos não serão outros que não o do cargo que busca. Se isso não acontecer é porque você não está dando os passos do marceneiro. Depois da prova, volta-se ao normal e aí é só alegria. Um dia, a esposa de um dos que fazia o curso comigo me procurou e disse-me, na época, estar preocupada com o marido que saía do curso e ia pra casa e continuava estudar até altas horas da madrugada. Aflita, perguntou-me se não era perigoso esse procedimento dele. Em resposta, disse-lhe para colabo-

rar com ele, ajudá-lo a fazer os cartazes e não se importar se a casa passasse a parecer um comitê político; que tudo valeria a pena. Tanto que valeu; hoje, ele está prestes a aposentar-se como funcionário público.

Os mesmos procedimentos deverão ser dados em relação ao emagrecimento: Determine quantos quilos quer pesar e dê os passos corretamente do marceneiro, e lembre-se que uma batalha se vence por estratégia, lance desafios. Se estiver falando muito, muito, eu peso X.kg e se imaginando com o peso determinado, sentindo a emoção de estar magro, com certeza a oficina de trabalho, mesa de refeições, será um deleite; você irá comer de tudo, só que menos e vai ficar satisfeito, pois, vai degustar mais. Aprenda a saborear os alimentos. Eu costumo dizer:-Converse com os alimentos, veja as cores de cada um, admire a cor linda, roxa, da beterraba. Eu tenho um batom da mesma cor. O arroz, símbolo da prosperidade, por isso, a chuva dos grãos de arroz nos noivos. Não deixe passar em branco. Admire cada alimento que está compondo sua mesa. Nossa língua é como um sensor, detecta em cada ponto o sabor dos alimentos. Sinta-os e não se prive dos prazeres da alimentação. Imagine que se comer fosse ruim, talvez, a espécie humana não existisse mais. Entre o ato de nos alimentar e a necessidade de perpetuar a espécie há o prazer, tanto que comemos só o que gostamos e não por consciência de nos mantermos vivos. O mesmo para o ato sexual, se fosse ruim, talvez não estivéssemos aqui para aprender os passos do marceneiro. Entre o ato sexual e a necessidade de perpetuar a espécie há o prazer. Raríssimos são os que, conscientes, praticam a magia sexual chegando ao êxtase, transmutando e sublimando a mais potente energia que palpita em todo ser vivente, que é a energia criadora e dá-se o nome de sexual quando atua nos órgãos sexuais. Ela é responsável pela perpetuação da espécie e quem colocou o mundo em existência. Com ela podemos subir ou descer, dependendo do uso que se faz dela, análogo ao fogo que no fogão é ótimo, pode cozer os

alimentos e ferver a água pra um delicioso café, mas no guarda-roupa, por exemplo, é péssimo, destruidor. Sabendo que a energia criadora, sexual, é poderosíssima, uma boa pedida é usá-la, sabiamente, através da transmutação a nosso favor quando dos passos do marceneiro. Às vezes me ponho a pensar, quão atuante foi essa energia no trabalho de certos imortais que se estendeu em benefício da humanidade e, quando busquei saber um pouco de suas vidas, observei que os grandes feitos, de alguns, eclodiram num período de crise ou abstinência sexual, involuntária talvez. Quanto à sua força avassaladora convém nos restringirmos ao silêncio.

Após refletir sobre o que foi abordado, vamos à pausa.

5ª Aula

Como captar do paralelo o que desejo e trazer para o plano físico?

Imagine que quantidade de combustível se deva queimar no lançamento de um foguete. Pra que você atinja seu alvo, precisa de muito combustível (energia) e queimar (praticar) tudo que sabe, até que um dia se torne uma prática natural, porque é assim que tudo acontece só que de forma inconsciente.

Acelerando o processo:

Aguce sua vontade; faça a formulação criativa; use todas as ferramentas de trabalho, bem afiadas; arregace as mangas e vá para o trabalho. Não tenha preguiça de dizer: eu sou(...)ou, eu tenho(...).

Se dermos um lápis e papel a uma criança e pedirmos que desenhe o universo, certamente irá fazer um círculo. Existe um fenômeno, vindo do paralelo, que se manifesta no tridimensional, semelhante ao da ação e reação. Tudo que lança no universo tende a fazer a curva e voltar, fazendo um movimento circular, acompanhando o desenho da criança. Aquilo que chamamos de caridade exerce bem essa função. Você já deve ter ouvido algo parecido de: “na casa de quem dá, nunca irá faltar”. Sendo assim, quem deve agradecer é quem entregou e não quem recebeu; agradecer aquela mão que se estendeu servindo-me de instrumento para que exercitasse, naquele momento, o giro “caridade”, fazendo com que não me falte. Isso me leva à compreensão de que eu aprendo quando ensino. Como nem sempre tive à disposição uma pessoa com as mesmas propostas de estudo, então, criei no virtual uma amiguinha pra que eu pudesse fazer esse giro e explicava detalhadamente, passo a passo, tudo o que, na verdade, eu tinha que aprender. São técnicas de estudo que funcionam. E se dissermos a essa mesma

criança que desenhe o nada, com certeza, irá fazer o mesmo círculo, só que menor, bem pequeno. Aí, vem a parte mais difícil do trabalho, mas não impossível, de nos anularmos completamente, até que esse círculo venha diminuindo, diminuindo de tamanho e se torne um ponto, um ponto matemático nesse imenso universo, um grão de areia apenas, um zero eterno; essa anulação consiste em deixarmos nossas prepotências, orgulho, inveja e tantos defeitos psicológicos que funcionam como dificuldades ao avanço. Semelhante à construção de um navio: faz-se o projeto atendendo às necessidades do armador, conhecendo a demanda, o que e o quanto se pretende transportar e, mais que isso, o percurso e por onde irá navegar. Aceita a proposta, faz-se um estudo minucioso e com os materiais e as ferramentas específicas, constrói-se o navio, processo análogo aos “passos do marceneiro” e vencer as tormentas dependerá de quem o conduz. No timão, “comando da vida”, atente às sinalizações, guie-se pela luz de sua estrela interior “vontade”, e aporte-se no mais seguro dos cais. Seja um exímio capitão obediente ao seu comandante, “seu mestre interior”.

O sucesso depende de:

Muita vontade, querer de verdade.

Criar no paralelo, “no mousse”..

Utilizar as ferramentas de trabalho, verbalizar e exteriorizar, fazer a imaginação criadora.

Trabalho, muito trabalho em sua oficina.

Concretizar, passar para o físico o que se propõe.

Isso tudo não é difícil de conseguir, depende de algumas mudanças de hábitos e, uma dica é que, de vez em quando, detenha-se em

sua mente e a questione no que está pensando e, neste exato momento, dê um comando, como quem adestra um animal arreado, a parar de pensar besteiras e faça com que trabalhe a seu favor a serviço de sua essência, não se esquecendo de que você é aquilo que você pensa e onde está seu pensamento aí está você.

O estado debilitado dificulta dar os passos do marceneiro. Uma angústia ou depressão pode ter origem em situações mal resolvidas, inconseqüências. Em sua intimidade convém enfrentar-se e exercer o perdão, perdando-se, primeiro, e aprendendo perdoar.

Eu sei que só a Marilu tinha um jeito eficaz de apagar os erros do caderno, e, por mais que eu a imite e tente apagar os meus erros, grafados no livro da minha vida, olhados contra a luz são visíveis suas marcas e rasuras; então, só me resta aprender com eles e entender que as situações vividas tiveram o objetivo, exclusivo, de fazer com que eu exercesse o meu trabalho interior e as pessoas que, na época, não as entendi, não passaram de pérolas valiosíssimas em minhas mãos e a elas devo a oportunidade de ter visto meus elementos inumanos adormecidos em minhas cavernas psicológicas. Quão certeiras foram as flechas que os cutucaram, trazendo-os à tona e, desde então, impulsionaram-me para uma batalha titânica e confesso, minha vontade é vencê-los, de verdade.

Talvez pela minha voz fanha e dificuldade de percussão ou sem credibilidade, não tive sucesso em persuadi-lo a aceitar esse conhecimento, que recebi em minhas andanças, quando tentei passar, oralmente, para você. Mal comecei, você foi taxativo e, disse-me:

-Não me venha com discurso evangélico.

Sei que percebeu a minha astúcia quando disse a você que resol-

ví escrever sobre esse conhecimento científico e pedi pra que fizesse as devidas correções. Mesmo assim, gentilmente aceitou e, em momento algum, não me desestimulou. A princípio, o meu desejo foi de passar para você o que considero ser de suma importância. Mas, refletindo melhor e acreditando que exista alguém precisando saber de tudo o que foi exposto e que penso ser uma “GRANDE SACADA”, e qual é a ciência que está nos movimentos fazendo com que o universo conspire a favor na concretização de nossas propostas, resolvi seguir rumo à divulgação. Mais do que isso, em minha capacidade ínfima de pensar, dispor-me ao Maior dos Magos e, na minha ousadia, achar-me a serviço da minha essência.

Assim, na minha vontade consciente, utilizo a imaginação criadora e vou além do horizonte e, lá no “mousse”, sinto a emoção em criar a possibilidade de alguém, após a leitura e o entendimento deste, propagar e ensinar os PASSOS DO MARCENEIRO.

Sob a óptica de que o acaso não existe, me despeço desejando a todos muita luz, muita paz e muito amor.



Perdoe-me se fui oportunista em colocá-lo, ainda que no virtual, nesta sala, onde pude dar o meu giro e sentir em Tonha a força ativa do “mousse”, ao tempo que agradeço a mão da criança que desenha os círculos que no maior você está inserido e no menor tento me achar.